



Impressões (des)arquiviolíticas *homo-bio-ficcionais* da exterioridade: Silviano Santiago e suas/nossas *Mil rosas roubadas*

(Un)Archiviolitical Impressions Homo-Bio-Ficcional of Exteriority: Silviano Santiago and His/Ours *Mil rosas roubadas*

Pedro Henrique Alves de Medeiros

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul / Brasil
drive.pedromedeiros@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-5872-1626>

Edgar César Nolasco

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul / Brasil
ecnolasco@uol.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-8180-585X>

Resumo: A partir da fronteira-sul, biolócus geoistórico e sobretudo epistemológico, a qual pensamos e erigimos nossas reflexões crivadas e atravessadas pelos nossos corpos fronteiriços e pelas nossas sensibilidades biográficas/locais de pesquisadores situados em um lócus periférico, buscaremos, assentados em uma teorização de caráter crítico-biográfico fronteiriço (NOLASCO, 2015), e em uma metodologia eminentemente bibliográfica, (des) arquivar o projeto da exterioridade *homo-bio-ficcional* do intelectual mineiro Silviano Santiago, essencialmente no que convém ao seu romance escreviente *Mil rosas roubadas* (2014). Dessa forma, optamos por trabalhar com a impressão do arquivo do mal/da exterioridade (NOLASCO, 2018a) de Silviano na tentativa de abri-lo, (des)arquivá-lo. Ao fazê-lo, (des)arquivamos as nossas próprias histórias e sensibilidades. Subsidiados pelo discurso ensaístico crítico-biográfico fronteiriço, ao escrevermos e teorizarmos acerca desse projeto *homo-bio-ficcional* (des)arquivando-o, expomo-nos, sofremos de um mal. Nesse prisma, o espaço biográfico o qual nossas reflexões se aquilatam é da ordem dos afetos, das sensibilidades, da sobrevida, contudo, sempre respaldado pela distância, lugar reservado à crítica e à amizade política (NOLASCO, 2010).

Palavras-chave: crítica biográfica fronteiriça; arquivo; Silviano Santiago.

Abstract: Our research is based on the South-frontier, *biolócus geoistórico* and mainly epistemological, where we think and erect our thinking *trespassed* through our frontier bodies and our biographic/local sensibilities as researches located in a subaltern locus. Our research is based on a biographical-critical theorization (NOLASCO, 2015), and in

a bibliographical methodology. As from that, we will (un)archive the homo-bio-fictional exteriority project of Silviano Santiago, a Brazilian intellectual from Minas Gerais, especially with which is related to his *escrevimente* novel *Mil rosas roubadas* (2014). In this way, we will work with the archive of the evil/of Silviano's exteriority impression (NOLASCO, 2018a), trying to open it, to (un)archive it. When we do it, our own histories and sensitivities are (un)archived. Based on the essayistic biographical-critical frontier speech while writing and theorizing about this homo-bio-fictional project, (un)archiving it, we expose ourselves, we suffer from the evilness. Therefore, the biographical space in which our reflections are based is of the affection order, of the sensitivities and of the *sobrevida*, but it is also back up for the distance, place reserved to the critics and the politicized friendship (NOLASCO 2010).

Keywords: frontier biographical criticism; archive; Silviano Santiago.

– O que lhe dá direito de supor que eu saio à cata de borboletas-azuis para espetá-las com alfinete em papelão? – ele me perguntou à queima-roupa, visivelmente irritado por eu ter associado as borboletas caçadas no alto da serra com minha pessoa pescada ao acaso no ponto do bonde. Tinha ficado ainda mais irritado por tê-lo associado com entomologistas arcaicos e cruéis que, para o exame clínico da espécie, espetam os insetos assassinados a sangue-frio em folha de papelão. (SANTIAGO, 2014, p. 71).

Vivo do crédito que abri para mim mesmo, pois só assim posso escrever os livros que quero. (SANTIAGO, 2004, p. 120).

Falar do outro, resgatar sua memória, não seria ainda distinta maneira de narrar a si próprio? (SOUZA, 2011, p. 53).

Portando um alfinete *homo-bio-fictional* e assumindo a figura de entomologistas, quiçá investigadores de vidas alheias, espetamos as borboletas-azuis¹ que sobrevoavam a Praça Sete em Belo Horizonte e que há anos habitam nossa vida que, sob o intermédio espectral de Silviano, teorizamos em sobrevidas. Abrimos este arquivo *homo-biográfico* latino/brasileiro da exterioridade crivado na *diversalidade* estabelecendo uma

¹ Em linhas gerais, as borboletas-azuis foram um importante tema discutido por Silviano e Zeca no primeiro encontro ocorrido na Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte. O artista e produtor musical tinha como *hobby* ir à cata desses insetos e, pelo crivo da admiração latente e pulsante, Silviano se enxergava/sentia como uma borboleta-azul a esvoaçar a Praça Sete.

conversa epistêmica a partir da nossa fronteira-sul: biolocus de onde erigimos nossas reflexões. Executamos este exercício (des)arquiviolítico à luz de um mal, de uma impressão, de uma pulsão de morte, de uma *conversa* (MIGNOLO, 2003, p. 11), de mistérios a serem decifrados e de lembranças a serem esquecidas. Espetamos essas borboletas-azuis (trans)fronteiriças na tentativa de nos aproximarmos, na diferença, de Silviano.

O arquivo para o qual nossa articulação epistêmica está voltada sofre de demasiados maus nos quais Jacques Derrida, em *Mal de arquivo* (2001), não se deteve, mas que precisam ser problematizados, como a colonialidade debatida através da exterioridade e da diferença colonial de Walter Mignolo ensejadas pelo projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano. Habitamos esta herança. Dissimulamos, esquecemos, inventamos, destruimos e desviamos esse arquivo do mal inabarcável/ausente e o inscrevemos/sentimos em nossos próprios corpos *homo-biográficos* e em nossas sensibilidades biolocalis da exterioridade: brasileiras, sul-fronteiriças e homossexuais. A noção de arquivo em Derrida (2001, p. 110-111, grifo do autor), tal qual nossa teorização crítico-biográfica fronteiriça sobre Silviano:

[...] é *espectral*. Ela o é *a priori*: nem presente nem ausente ‘em carne e osso’, nem visível, nem invisível, traço remetendo sempre a um outro cujo olhar não saberia ser cruzado, não menos que, graças à possibilidade de uma viseira [...] o motivo espectral põe bem em cena esta fissão disseminante que afeta desde o princípio, o princípio arcôntico, o conceito de arquivo e o conceito em geral.

Sendo fielmente infiel, construímos essa vida espectral metaforizada em borboletas-azuis enquanto uma impressão (des)arquiviolítica do(s) Silviano(s) metamorfoseados e (trans)fronteiriços. Ao (des)arquivarmos suas memórias transformando-as em narrativa crítico-biográfica, abrimos nosso arquivo descolonial, também da exterioridade, imbricado pela lembrança, mas, principalmente, pelo esquecimento. (Des)arquivar explicita nossa intencionalidade enquanto pesquisadores fronteiriços os quais elegemos tanto a produção ficcional quanto documental (SOUZA, 2002, p. 111) de Silviano deslocando o *corpus* de interpretação literária e propondo o estabelecimento de pontes metafóricas (SOUZA, 2002).

A partir de Silviano, redescobrimos dentro de nós as verdades mais essenciais e latentes, recordamo-nos das nossas próprias (r)existências. Propomos uma conversa epistêmica quase esquizofrênica com Silviano,

visto que ao nos debruçarmos sobre sua vida, a usurpamos enquanto críticos biográficos e investigadores de vidas alheias. Somos não sendo e que, não sendo, muito aprendemos (MONTERO, 2004, p. 5). Juliano Garcia Pessanha nos ensina que “Dizer é uma forma de tocar. Tocar para que a visita do outro aconteça” (PESSANHA, 2018, p. 31). Discursivamente, tocamos Silviano assim como somos tocados por ele.

Contudo, o ato de selecionar implica, também, excluir, dissimular. Não é possível acessar o arquivo de Silviano em sua totalidade, apenas as impressões. Jacques Derrida (2001, p. 7) pontua que os *arquivos do mal* são dissimulados, destruídos, interditados, desviados e recalcados e que, sobretudo, não há arquivo sem lugares de impressões. Quando se escre(vi)ve, o esquecimento se torna presença. Escre(vi) vemos para lembrar esquecendo e o arquivo nos leva a este letárgico esquecimento, ele rouba minhas/nossas histórias. Dessa feita, à baila de Derrida, sem o mal de arquivo, não existiria desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de esquecimento que não se limita ao recalçamento (DERRIDA, 2001, p. 32). Para Derrida (2001, p. 43-44):

Não temos conceito [de arquivo], apenas uma impressão, uma série de impressões associadas a uma palavra. Oponho aqui o rigor do *conceito* à vaga ou mesmo franca imprecisão, à relativa indeterminação de uma tal *noção*. ‘Arquivo’ é somente uma *noção*, uma impressão associada a uma palavra e para a qual Freud e nós não temos nenhum conceito. Temos apenas uma impressão, uma impressão que insiste através do sentimento instável de uma figura móbil, de um esquema ou de um processo in-finito ou indefinido.

Evocar um *mal de arquivo* (DERRIDA, 2001, p. 9) ou (des)arquivar o projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano pressupõe trazer à tona sintomas, sofrimentos, paixões, um arquivo do mal que nos afeta e é afetado. Ao mesmo tempo, esse arquivo arruína, desvia e destrói seu próprio princípio fundamentando o mal radical. Silviano sofre desse mal de arquivo ao consignar, como primeiro arconte (brasileiro, mineiro, homossexual), suas memórias em *Mil rosas roubadas* assim como nós o sofremos usurpando o lugar de arconte e (des)arquivando suas/minhas/nossas memórias através desse romance escreviente tomado como ilustração do seu projeto intelectual da exterioridade. Derrida endossa que o arquivista produz arquivo e é por essa razão que este não se fecha mais, o arquivo se abre a partir do

futuro. O espectro de Silviano criado por nós no presente é circunscrito na cultura brasileira/latina e se projeta para o futuro. Assim, Derrida (2001, p. 50-51, grifos nossos) expõe:

[...] a questão do arquivo não é, repetimos, uma questão do passado. Não se trata de um conceito do qual nós disporíamos ou não disporíamos *já* sobre o tema do *passado*, um *conceito arquivável do arquivo*. Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e *de uma responsabilidade para amanhã*. O arquivo, se queremos saber o que isto teria querido dizer, nós só o saberemos num tempo por vir. Talvez. Não amanhã, mas num tempo por vir, daqui a pouco ou talvez nunca.

Metaforicamente, espetamos essas borboletas que pousam nas *mil rosas roubadas* incidindo luz turquesa ou cobalto, mas que, verdadeiramente, são pardas ou ocre (NASCIMENTO, 2015, p. 156). Transfiguramos sob o crivo da sobrevida e do exercício (des)arquiviolítico espectral o projeto intelectual de Silviano enquanto um arquivo que se projeta para o futuro circunscrito no porvir, na promessa. A nossa posição de pesquisadores fronteiriços supondo saber sobre a vida fantasmagórica do(s) outro(s), Silviano/Zeca, se constitui a partir de uma escrevivência² que tenta desarquivar memórias, amizades, heranças, espectros e fronteiras. Os fantasmas rondam a cultura, Zeca para Silviano, Silviano para nós.

Tomamos para nós na posição de críticos biográficos fronteiriços a responsabilidade para amanhã (DERRIDA, 2001, p. 50-51) de entomologistas epistêmicos que espetam e trabalham com essas borboletas-azuis discursivo-metafóricas (des)arquivando-as. A partir do voo de liberdade (trans)fronteiriço realizado por elas, inscrevemo-nos neste arquivo, abrindo-o, enriquecendo-o (DERRIDA, 2001, p. 88) para ocupar um lugar que criticamente estabelecemos para nós enquanto espaço de pleno direito (DERRIDA, 2001, p. 88). Não falamos sobre o arquivo da exterioridade de

² Julgamos necessário fazer um adendo no que convém ao nosso uso do conceito de escrevivência para falar a partir de Silviano Santiago. Em sua primazia, Conceição Evaristo o utiliza para pensar a inter-relação entre o seu próprio *bios* e sua obra, uma vez que a condição de mulher negra fundamenta sua subjetividade. Entretanto, como a própria escritora ressalta, qualquer autor pode ser contaminado por suas subjetividades ao escrever. Isso posto, é partir desse eixo de contaminação que nos valemos da escrevivência para teorizar a partir de Silviano Santiago e de seu projeto intelectual-literário-biográfico.

Silviano, mas *a partir dele*, inscrevendo-nos em seu corpo discursivo, uma vez que ele também pertence-nos. Dessa maneira, as borboletas-azuis são a metáfora de um arquivo meu/nosso que sofre de um mal, de uma pulsão de morte/destruição e que se abre para o futuro/promessa padecendo da falta. Edgar Cézar Nolasco (2018a, p. 82, grifos nossos), para além da noção de arquivo derridiana, propõe:

Tratar de memórias biográficas alheias e de arquivo da exterioridade, tratar de histórias locais, pode ser um meio de o crítico angariar um direito epistêmico de poder falar desse lócus do fora, desse *a partir de* no qual se encontra tal arquivo, uma vez que ele já está tomado por essa *impressão biográfica que, nesse contexto teórico discursivo, já é sua e do outro*.

Fundamos o direito epistêmico para falar de Silviano a partir de um arquivo que usurpamos criticamente enquanto nosso. Não foi nos dada a oportunidade de optarmos por tal herança, todavia, escolhemos sob o crivo do desejo ardente, da paixão e do mal mantê-la viva e pulsante. O direito epistêmico o qual edificamos para *supormos saber* sobre e a partir da vida de Silviano se alicerça, dentre tantas circunstâncias, na carreira intelectual sobre a qual nos debruçamos há anos tanto no plano da epistemologia fronteiriça quanto, de maneira primordial, no manejo hábil da lâmina (des)arquiviolítica no trato do corpo biográfico-discursivo de Silviano e de seu projeto *homo-bio-ficcional*.

Ao viver essa vida espectral, deparamo-nos com as nossas próprias vidas. Para Leonor Arfuch (2009, p. 378), o arquivo desloca o âmbito privado para o público, joga com o segredo. Assim, expomo-nos. Esquecemos para lembrar, desviamos, suprimos, silenciemos, iluminamos e reprimimos. Reunimos o imaginável e o inimaginável. Teorizamos sobre a metamorfose do outro metamorfoseando-nos. Abrimos o nosso crédito com base no crédito do projeto intelectual de Silviano. Ao passo que escrevemos nossa biografia na esteira da vida do mineiro, as lacunas, as faltas e o inacabado se imbricam na nossa escrevivência *homo-biográfica* latina e, essencialmente, brasileira.

Leonor Arfuch (2009, p. 377) propõe que nossa vida não nos pertence por inteiro: “Outros, muitos outros, guardam vestígios que compartilhamos ou que nos são invisíveis, facetas de nós mesmos que desconhecemos [...]” (ARFUCH, 2009, p. 378). Isso posto, não nos apropriamos apenas da vida de Silviano, mas do seu projeto *homo-bio-ficcional*, da sua escrevivência e

do seu/nosso arquivo que *sob judice* das metafóricas borboletas-azuis (trans) fronteiriças abrimos a partir do nosso ato de escre(vi)ver criticamente. (Des) arquivamos as *Mil rosas roubadas* usurpando-as para nós, assumimos a condição de ladrão de palavras, de discursos e de memórias (SCHNEIDER, 1990). Roubar o outro para si implica debruçar-se sobre:

(Uma vida: estudos, doenças, nomeações. E o resto? Os encontros, as amizades, os amores, as viagens, as leituras, os prazeres, os medos, as crenças, os gozos, as felicidades, as indignações, as tristezas: em uma só palavra: as ressonâncias – No texto – mas não na obra). (BARTHES, 2003, p. 202).

As ressonâncias sobre as quais Barthes se detém são recorrentes no nosso fazer ensaístico-fronteiriço-biográfico no que tange a Silviano na medida em que lidamos, ao mesmo tempo, com as nossas sensibilidades de pesquisadores brasileiros, latinos e *homo-biográficos*. Ao abrir nosso arquivo, encontramos-nos frente aos estudos, doenças, amizades, viagens, leituras, medos, amores, gozos e tristezas que atravessam nossas escrevivências da exterioridade. Sentimos em nossos corpos a perda de Zeca metamorfoseando-nos em Silviano, em professor universitário de história em *menino-homem-fronteira*.

O arquivo literário que abrimos a partir de Silviano e de nós (leitores e críticos) se une ao desenho do espaço biográfico (ARFUCH, 2009, p. 373). Esse arquivo da exterioridade se trata de um espaço biográfico em si mesmo, visto que consigna, ou tenta consignar, o imaginável e o inimaginável (ARFUCH, 2009, p. 373) no que se detém aos traçados das nossas vidas. Para Arfuch, somos em relação aos outros. Silviano é em relação a nós assim como somos em relação a ele.

O espaço biográfico sobre o qual nosso discurso escreviente se assenta é incompleto e simbiótico. Há um caráter de contínuo devir no espaço biográfico (ARFUCH, 2009, p. 378) que constitui a incompletude de toda biografia. Falamos de Silviano e de nós crivados na falta, na tentativa de tamponar faltas que sempre se (re)fundam em labirintos (des)arquiviolíticos e memorialísticos os quais não damos conta, jamais, de preencher, de completá-los, ainda que tentemos. É na tentativa vã de suprir esses vazios simbióticos entre nós e Silviano que nossas vidas se aproximam na diferença. Silviano em *Mil rosas roubadas* exclama: “Preencha o vazio, por favor” (SANTIAGO,

2014, p. 71). Tentamos preenchê-lo, mas escre(vi)vemos das ressonâncias das nossas vidas *homo-biográficas* e, muitas das vezes, as palavras nos escapam, nos traem. Nesse viés, *Mil rosas roubadas* corroboram:

[...] recomponho direitinho e falsamente o relato poético sobre as borboletas-azuis, na verdade esquecido. De outra perspectiva: Ou bem tateio o nosso passado pela superfície das minhas lembranças e guardo só para mim as sombras, suprimindo do leitor fatos decisivos embora obscuros na época em que aconteceram, ou bem investigo a posteriori os fatos obscuros do nosso passado comum e preencho *os buracos da memória com as descobertas que, quanto mais pesquisava a matéria, fui fazendo no correr dos anos. Páginas atrás decidi deixar o buraco no relato, optei pelo vazio.* (SANTIAGO, 2014, p. 77, grifos nossos).

Assim como Silviano, Mignolo e Pessanha, escrevemos a partir/ em favor da vida (e também da sombra fantasmagórica da morte), da falta, da abertura do arquivo do mal que nos atormentam, que fogem das nossas vistas míopes e que nos atravessam por uma paixão e um desejo literário-epistêmico absurdos. Somos tocados pelas experiências (ARFUCH, 2009, p. 373) de Silviano e aprendemos sobre a vida através dele, não cartesianamente, mas *a partir do* mineiro conseguimos encontrar-nos. Assim, dado que o arquivo se desdobra ao porvir como uma promessa para se recriar à luz de nossos olhos, *há sempre um caráter inalcançável em seu bojo. Essa abertura do arquivo* nos possibilita (re)criarmos as ressonâncias das nossas vidas, como a amizade e morte de Zeca, trazendo conosco o tempo e o lugar (ARFUCH, 2009, p. 373). Preenchemos os buracos das suas/nossas memórias alicerçados pelas nossas descobertas epistêmico-biográficas.

Portanto, o arquivo se (re)constitui em cada leitura (ARFUCH, 2009, p. 375) “guardando” memórias a serem decifradas pelo olhar dos leitores ou, mais profundamente, pelos críticos-leitores (biográficos-fronteiriços) como realizamos em nossas escrituras epistêmicas. Transfiguramo-nos em arquivistas, garimpeiros, biógrafos e investigadores (ARFUCH, 2009) de vidas alheias. Com isso, tomar o arquivo enquanto abrigo da memória de nome *arkhê* (DERRIDA, 2001, p. 12) significa, ao mesmo tempo, que sempre se lembra para esquecer. No que convém ao esquecimento e à invenção relacionados à memória e ao arquivo, o romance *Mil rosas roubadas* descortina:

Releio as anotações já feitas em ficha e, ao mesmo tempo, *abro na minha memória o arquivo de suas próprias frases*. Nas próximas semanas ou meses, poderei ir consultando o material diverso sem o apoio da cartolina. Irei direto à imaginação, que se intrometerá com a naturalidade desta escrita, estabelecendo a cronologia e as aventuras da nossa vida em comum. A imaginação me inspira tanto quanto a observação. Será que me contradigo? (SANTIAGO, 2014, p. 59, grifos nossos).

“Irei direto à imaginação, que se intrometerá com a naturalidade desta escrita”, me informa *Mil rosas roubadas*. Em linhas gerais, pelo crivo do argumento da imaginação, Silviano traz à tona questões pertinentes ao arquivo e à memória no que estes se referem à falta, ao vazio, ao esquecimento e, sob a égide de Derrida, ao que entendemos por anamnese biográfica (DERRIDA, 2001, p. 22). Para o filósofo: “[...] o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória” (DERRIDA, 2001, p. 22). Nesse prisma, ao (des)arquivarmos nossas *Mil rosas roubadas*, (re)lemos que há uma tentativa constante de preenchimento dos “fatos” pela ordem da imaginação, da invenção, da mentira e da ficção. Silviano tem consciência crítica de que a memória está voltada para o esquecer e não para o lembrar e compreende que as palavras são traiçoeiras nos escapando constantemente.

Enquanto (auto)biógrafo ficcional, Silviano explicita um desejo de conservação de memória ainda que saiba da impossibilidade desta prática dada sua incompletude/falta originária. Enseja-se uma vontade vã de fixação da memória (CORACINI, 2010, p. 130) e de preenchê-la arquivioliticamente. O arquivo, em Derrida (2001, p. 14), possui um princípio de reunião/consignação que, tomado pela pulsão de morte e destruição, não se realiza de maneira total. Por isso, ainda que Silviano tentasse narrar sua amizade/relacionamento com Ezequiel o mais “verdadeiramente” possível, o viés traiçoeiro tanto da memória/do arquivo quanto do discurso jamais permitiriam tal pretensão. Derrida (2001, p. 23, grifos nossos) elucida:

Diretamente naquilo que permite e condiciona o arquivamento só encontraremos aquilo que expõe à destruição e, na verdade, ameaça de destruição, introduzindo *a priori o esquecimento e a arquiviolítica* no coração do monumento [...] esta pulsão tem a vocação silenciosa de queimar o arquivo e levar à amnésia, contradizendo assim o princípio econômico do arquivo, tendendo a arruinar o arquivo como

acumulação e capitalização da memória sobre algum suporte e em um lugar exterior.

Derrida ressalta em *Mal de arquivo* que o conceito de “arquivo” não é consensual, mas reside em espaço paradoxal. Ele é consignaço e destruiço. É um espaço atravessado pela temporalidade que, *a priori*, se constitui do passado, mas que se lança para o futuro (ARFUCH, 2009, p. 370), ao porvir e à promessa. O arquivo é uma construçõ *de e a partir de* que se ativa no ato da leitura, pelas atualizaço es e pela óptica do outro (ARFUCH, 2009, p. 370). No nosso caso, a partir da posicõ de leitores e de críticos biográficos fronteiros, ativamos o arquivo da exterioridade *homo-biográfico* de Silviano através das metafóricas borboletas-azuis pousadas nas nossas *Mil rosas roubadas* as tomando para nós. O arquivo nunca é encontrado (ARFUCH, 2009, p. 371), a não ser por seus vestígios, princípios ou impressões. Sendo assim, as borboletas-azuis sobre as quais nos detemos são apenas nossas impressões de um arquivo alocado em um projeto *homo-bio-ficcional*, nós as perseguimos, mas nunca as acessamos efetivamente. Vemo-nos deslumbrados por suas aparências brilhosas azuis turquesas, as perseguimos, mas nunca conseguimos tocá-las.

A busca incessante por esse arquivo e pela tentativa de realizar um exercício (des)arquiviolítico nos leva a um mal, a um sofrimento, a um sintoma e a uma paixão. Tal qual Derrida realiza com Freud em *Mal de arquivo*, escre(vi)vemos com Silviano, sem Silviano e, às vezes, contra Silviano (DERRIDA, 2001, p. 9). Todavia, ao fazê-lo, escre(vi)vemos contra nós mesmos. Sofremos desse desejo de memória. A princípio, acreditamos que poderíamos acessar as memórias de Silviano portando nosso alfinete (des)arquiviolítico, mas não. Acessamos apenas os rastros e as impressões que as nossas *Mil rosas roubadas* e que a escrevivência *homo-biográfica* do mineiro nos permitem acessar. Tomados por esse sintoma/desejo de memória, usurpamos as *Mil rosas roubadas* para ganharmos epistemologicamente o direito de escre(vi)vermos a partir do nosso sofrimento. No que tangencia o mal que nos assola, Derrida (2001, p. 129) questiona:

Perguntar-nos-emos sempre o que foi possível, neste mal de arquivo, queimar. Perguntar-nos-emos sempre, para partilhar com compaixão este mal de arquivo de suas paixões secretas, de sua correspondência, de sua “vida”. Queimar sem ele, sem resto e sem saber. Sem resposta possível, espectral ou não, alguém ou além de uma repressão, na outra

borda do recalque, o originário ou o secundário, sem um nome, sem o menor sintoma e nem mesmo uma cinza.

Assim, para além do *Mal de arquivo* derridiano, valendo-nos da nossa escrevivência erigida a partir da fronteira-sul, julgamos necessário voltar nossa atenção a uma especificidade arquiviolítica que não foi contemplada devidamente pelo discurso do filósofo e que nos concerne enquanto sujeitos *homo-biográficos*: a exterioridade. Leonor Arfuch (2009, p. 370), em “A auto/biografia como (mal de) arquivo”, discorre sobre os arquivos do mal e, dentre eles, a intelectual cita o colonialismo: questão central no que tange à epistemologia crítica biográfica fronteiraça sobre a qual nos assentamos.

Isso posto, entendemos que o projeto intelectual *homo-bio-ficcional* de Silviano (não só no que se refere ao romance *Mil rosas roubadas*) se situa na exterioridade (*Fora*) dos saberes epistêmico-ficcionais possibilitando o entrecruzamento das nossas vidas *homo-biográficas*: *bios* da exterioridade excluídos dos discursos hegemônicos modernos (SOUZA, 2011, p. 31). Silviano se (trans)fronteiraça transpassando todas as fronteiras sexuais (ANZALDÚA, 2007, p. 35), biográficas, geoistóricas, epistêmicas, estruturais etc. A fronteira imaginária e epistemológica é o nosso próprio corpo/arquivo; nela, nada se estabiliza ou se imobiliza, ela é móvel e transeunte. Pensamos *a partir* da fronteira-sul e do projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano na posição de (des)arconte fronteiraço, *homo-biográfico* e aquilatado em uma perspectiva da exterioridade e da *diversalidade*, haja vista que estabelecemos um exercício (des)arquiviolítico do *Fora*, daquilo que não foi contemplado pela interioridade colonial moderna científica patriarcal e segregacionista.

Silviano propõe uma política da *diversalidade*, ou seja, não institui valores hierarquizados aos conhecimentos (nem às escrevivências *outras*) e ao passo que dialoga com a tradição, também a rechaça. De modo semelhante às considerações de Walter Mignolo no “Prefácio” de *Histórias locais/projetos globais* (2003), Silviano transita desde os saberes ditos popularescos próximos às conversas informais e à cultura de massa até os espaços constituídos, por exemplo, por uma plêiade de escritores/intelectuais da tradição, como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. O mineiro seduz públicos diversos ao embaralhar referências promovendo uma política do fragmento. Não se lê Silviano nem com, nem contra, mas entre (LOPES, 2012, p. 29):

Silviano pula de uma posição a outra, quebrando expectativas. Como se dissesse onde queres Derrida sou Minas Gerais, onde queres cultura, sou literatura, onde queres Mário de Andrade, sou pós-modernidade [...] Ou tudo ao contrário e ao mesmo tempo. Trânsito entre saberes, linguagens, conceitos e perspectivas teóricas. Trajetória errática e múltipla entre o desejo de estar no seu tempo e abrir, refazer tradições. O entre-lugar é espaço concreto e material, político e existencial, local, midiático e transnacional de afetos e memórias.

Onde queres Zeca, somos Silviano. Esse caráter (trans)formacional, na completude na diferença das nossas vidas, se sustenta também no que endossa nossa jornada enquanto pesquisadores em constante mutação além de, sobretudo, atravessar nossas identidades como sujeitos homossexuais que vivem, sentem e rivalizam nossas existências e nossos corpos fronteiriços *homo-biográficos*. Nesse sentido, Mignolo (2003, p. 9) assevera: “O mundo moderno vem sendo descrito e teorizado de dentro do sistema, enquanto a variedade das experiências [...] vem sendo simplesmente anexada [...]”. Ainda nesse viés:

Mas se a metafísica da presença pensou apenas o *Dentro*, devemos, agora, começar a pensar o *Fora*. E devemos fazê-lo não porque isso seja apenas uma novidade ou um pensamento diferente no mercado das ideias. Não: pensar o *Fora* [...] [é] operar uma mutação na nossa maneira de existir. Somos, hoje, eticamente forçados a pensar diferente, porque estamos, pela primeira vez, numa situação capaz de perceber a violência e a agressão que dormitavam no pensamento metafísico. (PESSANHA, 2000 *apud* NOLASCO, 2015, p. 48).

A exterioridade, portanto, se apresenta como um lugar posto em nós, em nossos corpos *homo-biográficos*, em nossas reflexões epistêmicas e, sobretudo, em nossos projetos *homo-bio-ficcionais*. Silviano pensa, produz e escrever a partir de uma consciência que se abre para uma possibilidade descolonial crivada e subsidiada por uma *escrevivência* de homem *gay* erigindo suas produções à luz de suas sensibilidades, de seu biolócus e do seu próprio corpo *homo-biográfico* tal qual fazemos nós, críticos biográficos fronteiriços, que pensamos, sentimos e falamos de um lugar outro, subalterno e marginalizado. O arquivo que perseguimos é, essencialmente, da ordem da exterioridade, do *Fora*.

A princípio, a Zeca, amigo-amado de Silviano, foi delegado o manejo hábil da lâmina (SANTIAGO, 2014, p. 10) arquiviolítica que dissecaria e revelaria o cadáver e a intimidade de Silviano através da palavra biográfica (des)arquiviolítica. Contudo, antes do encerramento não-acabado da biografia, visto que esta nunca se completa/totaliza e é caracteristicamente lacunar, Toninho – apelido carinhoso dado por Zeca à doença – carrega o então biógrafo para a sobrevida. Sobrevida por Zeca morrer ontologicamente, mas existir enquanto espectro para Silviano. Segundo Juliano Garcia Pessanha, ninguém existe sem seu animador. Por isso, Zeca existe a partir da escrevivência de Silviano. Através do nome, da memória e da escrevivência, Zeca existe tanto em Silviano quanto Silviano sobre-existe em nós.

No âmbito desse contexto arquiviolítico do *Fora*, podemos pensar, na esteira do pensamento de Nolasco, no nosso arquivo da exterioridade que se volta para Silviano na mesma medida em que retorna a nós: ambos sujeitos *homo-biográficos* da exterioridade exumando memórias esquecidas pelos projetos globais, pela interioridade, como a morte de um amigo-amante homossexual atravessado pela falta. Edgar Cézar Nolasco (2018a, p. 79) ressalta:

[...] o arquivo da exterioridade, por sua vez, evoca a possibilidade de uma epistemologia outra, como forma de melhor nos aproximar e tratar do que se encontra “esquecido” dentro dele, visando tratar daquilo que foi deliberadamente criado pela interioridade do pensamento ocidental moderno, a exemplo das narrativas das memórias subalternas e das histórias locais enterradas vivas no mundo sombrio da exterioridade.

Tal qual explicitamos anteriormente, Jacques Derrida menciona a exterioridade em *Mal de arquivo*, todavia, o exterior que o filósofo europeu endossa não é mesmo que angariamos em nossas escrevivências crítico-biográficas fronteiriças: “Não há arquivo [...] sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior” (DERRIDA, 2001, p. 22). Diante do já explicitado, o biolócus de onde rivalizamos nossas reflexões críticas está para além das linhas abissais (SANTOS, 2010) criadas pela interioridade ocidental moderna, uma vez que escre(vi)vemos alicerçados por sensibilidades *homo-biográficas* erigidas a partir da fronteira-sul, geostórica e epistêmica, de um país subalterno e periférico. Além de, sobretudo, tratarmos demoradamente

e viver a vida (NOLASCO, 2010, p. 37) de um sujeito também homossexual sob a pluma de um projeto *homo-bio-ficcional*.

Angariamos, portanto, aquilo que não foi considerado pelo arquivo da interioridade ocidental, que sempre contemplou apenas narrativas de homens brancos, burgueses e heterossexuais sustentadas enquanto temática “universal” dos estudos de literatura subsidiadas pela falácia de que *estas histórias* davam conta de narrar *todas as histórias*. Assumimos a posição de (des)arcontes fronteirços para exumarmos as nossas escritivências *homo-biográficas* fomentadas por uma epistemologia fronteira como única saída crítica possível para dar conta dessas sensibilidades outras:

Se coube tão somente aos guardiões do saber moderno *interpretar* o arquivo (pensamento) moderno, reafirmo eu agora que cabe aos sujeitos excluídos o direito epistêmico de “interpretar” o arquivo da exterioridade, uma vez que este sujeito provocou uma “desobediência epistêmica” e assumiu uma “opção descolonial” criando, por conseguinte, uma epistemologia fronteira cuja única perspectiva é a que permite olhar de-dentro de tal arquivo. (NOLASCO, 2018a, p. 80, grifo do autor).

A nossa epistemologia, o nosso arquivo e os nossos corpos políticos são ressonâncias escritiventes de sujeitos que emergem da exterioridade. A tentativa de consignação do nosso arquivo brasileiro/latino é atravessada por um arquivo de sujeitos excluídos e ignorados pelos arcontes e guardiões do pensamento (NOLASCO, 2018a, p. 80) e das narrativas modernas ocidentais depositadas na escuridão do exterior enquanto escritivências construídas para serem colonizadas, eliminadas, excluídas e rechaçadas. Sofremos de um mal de arquivo descolonial e da exterioridade ao tentar resgatar nossas histórias *homo-biográficas*. Em vista disso, percebemos que dentre as temáticas consignadas em nosso arquivo da exterioridade se encontram o vazio, a perda e a sombra fantasmagórica da morte:

Diante do sofrimento confidenciado pela agonia silenciosa, pergunto-me se a lentidão que retarda o último dos últimos batimentos cardíacos não é uma pirraça sentimental do corpo. [...] À espera da morte, a paralisia progressiva dos gestos e dos órgãos humanos não é a forma mais desconcertante e derradeira da birra que ele buscava e encontrava para se despedir de mim em superioridade e adeus para todo o sempre? *A alegria é uma apenas uma confusão do passado.*

Depois que se é feliz o que acontece? [...] Toninho me fez perder o biógrafo. (SANTIAGO, 2014, p. 11, grifos nossos).

“Depois que se é feliz o que acontece?” Sob o alicerce da perda, a suposta ausência do amigo-biógrafo-morto se funda enquanto presença ou cria um tipo de presença – da ordem do espectro, da sobrevida. O discurso do epitáfio, conforme Jacques Derrida e Francisco Ortega, se presentifica e Silviano ama o amigo além da vida e da morte tomando-o como imagem/cópia de si tal qual queremos e precisamos fazer sob a égide da herança recebida e tornada viva. A ausência se torna presença e, com isso, perde o valor, *a priori*, de ausência. A morte se explicita como reveladora do nome próprio e da escrevivência, consta-se o nome que pode sobreviver ao ser repetido na ausência, no espectral através da *tentativa* de consignação/reunião de um arquivo da exterioridade *homo-biográfica*.

Rosa Montero possibilita que “a gente sempre escreve contra a morte” (MONTERO, 2004, p. 15), entretanto, como poderíamos não escrever a favor da morte? Através de nossas sensibilidades biolocais de sujeitos da exterioridade crivada pela *diversalidade*, entendemos que Silviano e nós sofremos do mal da falta, da perda. Mas, ao mesmo tempo, compreendemos que sem essa sombra nebulosa, nada desta escrevivência espectral existiria, tampouco o (des)arquivamento das nossas memórias (roubadas). Existimos pela perda. Apropriamo-nos de um desassossego, de uma procura de um arquivo que se esconde, de um segredo para propormos invenções críticas. Ganhamos em cima, sobre e a partir da perda. O que nos mantém vivos é a pulsão de morte, a morte nos açoita (NOLASCO, 2018b, p. 56). Atravessados por essas sensibilidades biográficas funéreas, entendemos o mal de arquivo:

[...] pode[ndo] significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome ‘mal’ poderia nomear. [...] É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem [...] uma saudade de casa [...] nenhum ‘mal-de’, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou de outro, não está já com mal de arquivo. (DERRIDA, 2001, p. 118).

Posto isso e como possível conclusão deste trabalho, ao arquivar/(des)arquivar nossa vida, possibilitamos um ato de forjar uma imagem íntima

de nós mesmos contrapondo-a à imagem social já estabelecida (MARQUES, 2003, p. 147), o arquivamento do eu/nós é uma prática de construção de nós mesmos e um ato de resistência (ARTIÈRES, 1998 *apud* MARQUES, 2003, p. 147). Ao nos arquivarmos, manifestamos um desejo de memória o qual ensejamos vencer o tempo nos colocando vis-à-vis ao *mal de arquivo*, ao esquecimento, à anamnese biográfica e à pulsão de morte. Conforme Elisabeth Roudinesco (2006, p. 20, grifos nossos) explicita em *A análise e o arquivo*: “Freud levava com ele sua biblioteca, objetos, móveis, cartas e manuscritos: *vestígios e lembranças de uma vida inteira*”. Levamos conosco, portanto, nossas *Mil rosas roubadas*, nosso amigo político Silviano e nossas borboletas-azuis espetadas em alfinetes *homo-bio-ficcionais* brasileiros e, essencialmente, latinos.

Referências

- ANZALDÚA, G. *Borderlands/la frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- ARFUCH, L. A auto/biografia como (mal de) arquivo. In: MARQUES, R.; SOUZA, E. M. de (org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 370-382.
- BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, 2003.
- CORACINI, M. J. Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobrevida. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, n. 4, p. 125-136, 2010.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOPES, D. Do entre-lugar ao transcultural. In: _____. *No coração do mundo: paisagens transculturais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. p. 21-46.
- MARQUES, R. O arquivamento do escritor. In: MIRANDA, W. M.; SOUZA, E. M. de (org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.
- MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MONTERO, R. *A louca da casa*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2004.

- NASCIMENTO, N. de A. A vida como literatura e a literatura para viver: apontamentos sobre a ficção de Silviano Santiago. In: WEINHARDT, M. (org.). *Ficções contemporâneas: histórias e memórias*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788577982141.0006>.
- NOLASCO, E. C. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, n. 14, p. 47-63, 2015.
- NOLASCO, E. C. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, v. 2, p. 75-100, 2018a. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7771>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- NOLASCO, E. C. *O oráculo da fronteira*. São Paulo: Intermeios: 2018b.
- NOLASCO, E. C. Políticas da crítica biográfica. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, n. 4, p. 35-50, 2010.
- PESSANHA, J. G. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Editora UBU, 2018.
- ROUDINESCO, E. *A análise o arquivo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SANTIAGO, S. Literatura e cultura de massa. In: SANTIAGO, S. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 106-124.
- SANTIAGO, S. *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.
- SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise o pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- SOUZA, E. M. de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SOUZA, E. M. de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788542303032>.

Recebido em: 03 de fevereiro 2020.

Aprovado em: 06 de julho de 2020.